

“Quando eu crescer, eu vou escolher a minha religião!”: a reinvenção da religião dos brasileiros através do olhar infantil¹

Roberta Bivar C. Campos*
Juliana Cintia Lima e Silva**

Resumo

Qual é a religião da criança nordestina? O que orienta a sua experiência religiosa e entendimento de sua religiosidade e de seus próximos? Como reage à diversidade religiosa? Este artigo pretende refletir como a criança nordestina de classe média da cidade do Recife experimenta e pensa a sua identidade religiosa e as dos colegas de escola. Procuramos compreender como as crianças vivenciam a diferença no espaço escolar brasileiro com a finalidade de percebermos se seu comportamento refletiria atitudes de respeito e inclusão das diferenças ou se expressaria intolerância.

Palavras-chave

Religião. Religiosidade infantil. Modernidade.

Abstract

What is the religion of the children from Northeastern Brazil? What guides their religious experience and the understanding of their religiosity and that of their neighboring people? How do they react to religious diversity? This paper intends to reflect on how middle-class children from Northeastern Brazil living in the city of Recife experience and think their religious identity and that of their classmates. We seek to understand how children experience the difference in the Brazilian school setting, in order to see whether their behavior would reflect respectful and inclusive attitudes towards differences or if it would express intolerance.

Keywords

Religion. Children's religiosity. Modernity.

¹ Com a colaboração de Rosa Maria Aquino e Geová Silvério Paiva Jr.

* PhD em Antropologia Social pela University of St. Andrews (Escócia/Reino Unido) e professora adjunta da Universidade Federal de Pernambuco (Recife/Brasil). E-mail: robertabivar@gmail.com.

**Mestranda em Antropologia na Universidade Federal de Pernambuco (Recife/Brasil), com bolsa CAPES. E-mail: jcintia7@yahoo.com.br.

Introdução

A reflexão que se segue está baseada nos dados da pesquisa “Um estudo comparativo sobre (in)tolerância religiosa e de como ‘raça’, ‘classe’ e ‘religião’ se entrecruzam entre crianças de escolas públicas e privadas, em Recife”, desenvolvida entre os anos 2007 e 2009, apoiada pelo CNPq. A pesquisa abordou a reação à diversidade religiosa e sua significação entre crianças do 5º ano do ensino fundamental (antiga quarta série primária). A energia intelectual que motivava a pesquisa derivava dos efeitos conflitivos que transformações recentes no campo religioso estariam trazendo para o espaço escolar. De acordo com relatos de pesquisadores, esses conflitos estariam sendo gerados no espaço escolar do setor público mediante a agenda “multicultural” do estado, com enfoque na valorização das tradições de cultura popular, fortemente marcadas pelas tradições religiosas católicas e afro-brasileiras: professores evangélicos resistiriam incluir nos conteúdos programáticos das disciplinas as referências à cultura popular (ver SILVA, 2007).

Entender como crianças vivenciam a diferença religiosa no espaço escolar parecia-nos fundamental para percebermos se elas estariam reproduzindo valores tradicionais hierárquicos ou não, e se o comportamento efetivo das crianças refletiria atitudes de respeito e inclusão da diferença ou se expressaria intolerância.

Na discussão desenvolvida aqui neste artigo, interessa analisar como as crianças de classe média de uma escola laica da cidade do Recife interagem com essas diferenças e como elas articulam as influências que recebem do seu *background* familiar, de seus professores e dos amigos. Interessa, principalmente, refletir como as crianças pensam e experimentam a sua identidade religiosa e as dos colegas de escola. Destaca-se, em especial, a maneira como interpretam e lidam com o conteúdo das religiões afro-brasileiras, agora matéria do currículo escolar a partir da Lei 10639/2003.

Ora, para pensar a experiência da identidade religiosa da criança, é preciso situá-la no mundo dos adultos, do qual também participa, ao qual reage e o qual reinventa. Nesse sentido, abordaremos o universo religioso do mundo adulto tal qual é tratado na literatura antropológica e sociológica, destacando que, apenas mais recentemente, o universo religioso infantil vem sendo foco da antropologia (TOREN, 2003; PIRES, 2007; CAMPOS *et al.* 2009; CAMPOS & FALCÃO, 2012). Longe de entender as crianças

como constituindo “culturas infantis” à parte do mundo adulto, adotamos a perspectiva de negociação contextual (ver PIRES 2007; CAMPOS *et al.* 2009), na qual as crianças dentro de sua própria racionalidade negociam suas possibilidades de ação de acordo com aquilo que lhes é dado pelas interações e contextos sociais em que estão inseridas. Portanto, antes de adentrar no universo religioso infantil das crianças pesquisadas (recifenses, estudantes do 5º ano de uma escola laica privada), faz-se necessário saber das religiões dos adultos e mais especificamente dos nordestinos, no caso aqueles de Pernambuco.

A religião dos brasileiros, a religião dos pernambucanos

O Censo do IBGE de 2000 (ver CAMURÇA, 2006) registrava 144 classificações de religiões diferentes. Todavia, se pensarmos em termos de representatividade, a diversidade religiosa é reduzida a três blocos: católicos com 73,8%, evangélicos com 15,45% da população, e os sem religião compondo 7,3% dos fiéis brasileiros. Destaca-se, portanto, a forte presença das tradições cristãs em solo brasileiro e a supremacia do catolicismo, ainda que abalada pelo crescimento pentecostal entre os mais pobres. Pernambuco não é tão diferente do quadro nacional. De acordo com o mesmo Censo IBGE 2000, em Pernambuco existiam 74,5% de católicos, superando a média nacional. Esse percentual se encontra em consonância com o fato de esse estado estar localizado numa das regiões mais católicas do país, a saber, o Nordeste. Por outro lado, Recife é, talvez, a capital nordestina em que mais cresce o pentecostalismo. O que se destaca nesse contexto específico é que os católicos, na sua forma “não praticante”, e os “sem religião” são aqueles que mais prevalecem entre os recifenses de classe média. Já entre a população de baixa renda da capital pernambucana, o que se percebe é a forte presença do pentecostalismo² em disputa com o catolicismo devocional.

² Os termos “pentecostalismo” e evangélicos são utilizados ao longo do artigo refletindo a vasta gama de perspectivas teológicas e organizacionais que abrangem. Os termos representam uma construção identitária manifesta atualmente na sociedade brasileira em que o termo evangélico tem se fortalecido enquanto identidade nacional alternativa em relação à associação tradicional entre identidade nacional e catolicismo, enquanto o termo pentecostalismo também opera nessa lógica abrangente prestando-se a uma identificação institucional de diferentes denominações religiosas que compartilham em maior ou menor grau preceitos cristãos dentro de uma vasta diversidade do cristianismo carismático. Uma melhor apreciação dessa questão é feita no artigo “Religião e mídia: estratégias de inserção do pentecostalismo na esfera pública” (SILVA, 2007).

Esse quadro estatístico nada mais é que reflexo da nossa história, posto que vivemos em uma sociedade que teve como aporte cultural e simbólico fundamental a religião católica. De fato, a supremacia católica foi reforçada ao longo dos séculos por uma aliança política e institucional entre o Estado e a Igreja. Isso garante o que Almeida (2007) entende por *efeito de invisibilidade* do catolicismo, e este, por ser coextensivo à ordem cultural, torna-se invisível. A partir dessa ideia de Almeida, Campos *et al.* (2009) analisam a presença “invisível” do catolicismo, já que é naturalizada por ser cultura, no espaço escolar laico. A situação do catolicismo na escola laica contrasta com aquela do pentecostalismo, que, por sua cultura marcadamente diferenciada, contrasta e reage fortemente aos conteúdos laicos e com a atitude mais fluidamente demarcada desse ambiente escolar específico. Outro efeito de invisibilidade do catolicismo está na sua relação “promíscua” com o Estado, quando assume privilégios na esfera pública em detrimento de outras religiões, sem que isso cause, ou melhor, causasse estranhamento.³ Segundo Camurça (2006), esse estabelecimento como traço cultural, algo que incrementa simbolicamente a visão dos indivíduos, também pode ser um componente que explica a invisibilidade e o reduzido número de adeptos declarados das religiões afro-brasileiras e mediúnicas. Estamos de fato diante dos efeitos do que Sanchis (1997) chama de “cultura católico-brasileira”.

Entretanto, ao longo do amadurecimento das instituições republicanas e principalmente das ideias de liberdade e igualdade, que tem como correspondentes no campo religioso as ideias de liberdade religiosa e igualdade de direitos entre os diferentes credos, a situação hegemônica católica é modificada. O catolicismo foi aos poucos cedendo espaço no campo religioso a outros credos e denominações, que através de diversas estratégias de pressão foram conquistando espaço e legitimidade. Dentro desse processo vale destacar que as religiões de matriz africana continuaram sendo desprestigiadas, política e religiosamente. Em verdade, elas só conseguiram galgar algum respeito buscando legitimidade por uma via culturalista (GIUMBELLI, 2008). Ao ter negado o espaço de reconhecimento como religião pelo argumento da liberdade de culto, as religiões de matriz

³ Os privilégios da Igreja Católica parecem não ser mais tão invisíveis ou naturalizados, pelo menos para alguns grupos sociais mais engajados e articulados politicamente, como o movimento feminista e o do GLS, que ativamente contestam a imposição de valores cristãos sobre políticas da saúde e direitos reprodutivos e passam a empunhar a laicidade como uma de suas demandas.

africana conseguiram legitimidade através de sua inserção na sociedade como cultura. Por outro lado, é por essa via culturalista que a religião de matriz africana é vista como elemento que compõe a diversidade cultural da sociedade, e, em termos de memória, que deve ser respeitada e preservada, como patrimônio histórico e cultural (*idem*). As religiões de matriz africana tornam-se assim alvo de políticas públicas, a exemplo do que acontece com a Lei n° 10639/03. De fato, é na escola que o Governo Federal, bem como as administrações municipais, tem desenvolvido ações afirmativas e políticas de valorização da cultura africana. Tal movimento gera reações contrárias, principalmente por parte de pais e funcionários evangélicos, e em particular daqueles de denominações (neo)pentecostais, pelo fato de a guerra santa ser uma de suas marcas teológicas (SILVA, 2007). Esse tipo de atitude nada mais é que reflexo do movimento de redefinição do campo religioso brasileiro. Sobre essa questão Burity (1997) comenta que a conversão ao pentecostalismo questiona a secular associação entre catolicismo e nacionalidade, bem como a relação entre pluralismo e perda de sentido da nacionalidade.

O movimento de “rompimento com a tradição religiosa” se deve, segundo Pierucci (2006), ao caráter individualista da conversão dentro da tradição protestante. Segundo ele, a conversão opera uma mudança de “pessoa” (no sentido antropológico do termo) para indivíduo (no sentido sociológico do termo). Desse modo, “ao dar esse passo, alguém se solta dos vínculos herdados, desprende-se do já dado, afasta-se do passado e abre-se para novos possíveis” (PIERUCCI, 2006:21).

Mas na literatura sobre a religiosidade dos adultos, há quem entenda que as continuidades podem ser tão importantes quanto as rupturas. Marcelo Camurça (2006:41) entende que, apesar da expansão do (neo)pentecostalismo⁴ no Brasil, há uma permanência tenaz do catolicismo no posto de religião majoritária que precisa ser interpretada “não apenas pelo que muda, mas também pelo que conserva”. Por outro lado, se concordamos com Camurça que devemos levar em consideração a “tradição católica” como mais que uma religião no Brasil— por ela ser cultura também —, isso será aqui feito sem deixar de lado a existência de processos de mudança, representados principalmente pela presença cada vez mais expressiva do

⁴ O termo (neo)pentecostalismo é usado apenas relacionado a autores que fazem uso dessa terminologia com a finalidade de manter a coerência e a fidelidade das citações diretas ou indiretas.

(neo)pentecostalismo, que se traduz em uma transformação da religião no mundo contemporâneo. Nesse sentido, o que se destaca é a transformação das condições de crença no mundo contemporâneo, em que a ideia de escolha e realização pessoal torna-se a tônica da vida religiosa, como já foi extensamente discutido por Charles Taylor (2007).

Neste momento, importa destacar que pretendemos neste artigo identificar a reinvenção das religiões dos brasileiros, aqui brevemente comentada, através do olhar e da experiência infantil, tendo por foco as crianças de classe média de uma escola laica da cidade do Recife. Salientamos que a base etnográfica para essas reflexões, apesar de circunscrita a uma realidade nordestina, nos abre para as inúmeras possibilidades em se tratando de pesquisas relacionadas à concepção de mundo infantil. Como é sabido na tradição antropológica, é através do movimento de apreensão do universal no particular e da volta ao particular naquilo que há de mais geral que avançamos em riqueza e consistência nas nossas pesquisas. O objetivo principal deste artigo é justamente articular essas esferas através da análise do caso específico de crianças nordestinas, recifenses oriundas da classe média. É oportuno ainda destacar que a referência à classe média como perfil socioeconômico das crianças faz-se com base no estilo de vida, perfil profissional, poder aquisitivo e bairro de moradia dos pais das crianças, e não com base numa definição estritamente marxista de classe social.

“Quando eu crescer, eu vou escolher minha religião”

A escola particular, que figurou como o lugar de investigação de nosso problema de pesquisa, está situada no bairro da Várzea, na cidade do Recife, próxima à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), de onde saíram seus idealizadores. Trata-se de uma escola muito bem conceituada em sua proposta político-pedagógica, sendo, inclusive, premiada por seu pioneirismo no que se refere à implantação de algumas políticas educacionais de valorização da história e cultura regional. O público-alvo dessa instituição é a classe média, sendo os pais das crianças em sua maioria integrantes dos quadros que se encaixam nesse perfil, uma vez que são em sua maioria professores universitários e profissionais de carreiras bem-estabelecidas (médicos, advogados, engenheiros etc.). Alguns desses pais são residentes em bairros de uma das regiões mais caras da cidade de Recife, os quais são considerados de classe média alta e alta, como o tradicional bairro de Casa

Forte, Dois irmãos, Montero, Poço da Panela, Parnamirim, Casa Amarela. Outros são residentes no bairro da Várzea, este tipicamente bairro de classe média e média baixa, onde muitos professores universitários residem. Pagam em média o valor de 800 reais pela mensalidade e costumam levar e buscar seus filhos em carros particulares.

A proposta da escola encontra-se alinhada com as expectativas dessa “classe média” que substancialmente matricula seus filhos nessa instituição. Isso se torna evidente ao perceber a preocupação da escola em desenvolver valores democráticos, em fomentar discussões sobre temas variados de interesse do conhecimento geral, em desenvolver hábitos saudáveis nas crianças desde cedo, em estimular a autonomia das mesmas em relação aos cuidados de si, dos seus pertences e de suas ideias, além do estímulo de um senso de coletividade e de respeito à individualidade de cada um. Tal alinhamento atende as expectativas dos pais dos estudantes em relação à educação das crianças e aos valores que devem ser desenvolvidos por elas, como, por exemplo, a cidadania. Tal característica também reforça a visão da escola como uma espécie de prolongamento do ambiente familiar (SINGLY, 2007). Isso também pode ser comprovado pela presença cada vez mais próxima dos pais na escola, o que se faz sentir não só nas reuniões de pais e mestres, mas também diariamente, na hora de buscar as crianças e nos eventos que a escola promove. Essa presença assídua se traduz em um controle da proposta pedagógica escolar, que deve atender as expectativas parentais em seu ideal de “boa formação” das crianças e avaliação do desempenho do filho em relação aos colegas.

Quanto à nossa presença nessa instituição como equipe de pesquisa, podemos afirmar que foi muito tranquila. A direção, a coordenação e a professora tutora da turma em nenhum momento se opuseram à nossa presença e sempre estivemos à vontade para circular na escola entre alunos e funcionários. A professora, além de nos receber muito bem, colaborou com as nossas investigações, sendo sempre muito prestativa. A turma em si nos acolheu bem. Apesar de nos sentirmos um pouco ignorados a princípio, essa sensação foi se dissipando à medida que fazíamos amizade com as crianças. É importante ressaltar que sempre houve, de nossa parte, uma preocupação com a imagem que as crianças construiriam acerca da nossa presença. Não gostaríamos que elas nos vissem, numa chave hierárquica, equiparados aos professores. Com o tempo essa preocupação desapareceu, pois as crianças nos deram o título de estagiários da UFPE, o que nos colocou próximos a elas de certa forma, uma vez que éramos aprendizes.

Nessa escola os espaços privilegiados de nossa observação foram as aulas de história e de projeto, que são disciplinas das quais as crianças participam de atividades relacionadas com a temática “cultura popular” e nas quais foi trabalhado o conteúdo de cultura afro-brasileira. O projeto da turma do quinto ano tem como objetivo discutir o “multiculturalismo”⁵, com um recorte específico voltado para o processo de formação do povo brasileiro, e uma atenção especial para a contribuição da cultura africana na formação da identidade brasileira. Também estavam integradas com o projeto as aulas de dança, em que as crianças aprenderam alguns passos de coco de roda e maracatu⁶, e as aulas de artes, nas quais desenvolviam atividades relacionadas com a temática, como fazer a maquete de uma casa de taipa. Tais atividades pretendiam dar um suporte ao conteúdo desenvolvido no projeto e visavam a um desenvolvimento integral dos estudantes no que se refere ao conteúdo trabalhado em sala de aula. Procuramos nos integrar ao cotidiano das crianças estando na aula e também no intervalo, quando brincávamos e conversávamos sobre assuntos variados.

O comportamento geral das crianças era muito disciplinado, dentro dos limites próprios de sua idade. Elas são muito competitivas e disputam a atenção da professora criando espaços de projeção dentro do conjunto variado de atividades de sala, que inclui um rodízio diário de ajudantes que exercem pequenas atividades, como, por exemplo, distribuir material didático para os colegas e levar a bandeja do lanche para a cantina. Esse é um momento de disputa pela atenção da professora entre as crianças, quando elas procuram se destacar e medir seu nível de prestígio em relação aos colegas. As expectativas não só dos pais, mas também dos professores, são sentidas e traduzidas por meio da competição forte que existe entre elas, principalmente nos momentos de execução de atividades em sala de aula que resultem em certo protagonismo e as destaquem dos demais. Isso foi observado de modo bastante evidente no dia da apresentação do projeto desenvolvido pelas crianças do quinto ano. Eram notórios o nervosismo de todos e a preocupação em fazer uma apresentação bonita que agradasse aos pais e também à professora. Disto percebe-se o quanto os adultos são referências importantes para as crianças.

⁵ Para uma discussão mais acurada acerca do multiculturalismo e seus desdobramentos no mundo contemporâneo, ver Gonçalves & Silva (2001).

⁶ Coco de roda e maracatu são manifestações de cultura popular, típicas do estado de Pernambuco, de forte influência da cultura afro.

Antes de nos atermos a uma análise mais aproximada dos dados, é oportuno esclarecermos as condições em que as entrevistas foram concedidas. Em primeiro lugar, é importante destacar que, no universo de 20 crianças pertencentes à turma observada, durante os seis primeiros meses do ano de 2008, foram produzidas 14 entrevistas. Salientamos que não estabelecemos quantitativo de entrevistas e que todas as crianças participantes da amostra foram autorizadas pelos pais a nos conceder entrevista. Também todos eles foram previamente informados sobre nossa presença em sala de aula, de modo que a pesquisa foi realizada com total anuência dos pais, responsáveis e da gestão da escola. As entrevistas foram realizadas com as crianças que demonstraram interesse em falar, não tendo acontecido nenhum tipo de constrangimento com o objetivo de convencer qualquer uma delas a conversar conosco. As entrevistas assim como a observação foram realizadas no ambiente escolar, salvo as observações de situações em que acompanhamos as crianças em passeios relacionados com o projeto desenvolvido por eles (como, por exemplo, a visita ao Terreiro situado em Olinda).

Ainda em relação às entrevistas, é importante ressaltar que não oferecemos nenhuma terminologia prévia em relação à categoria religião. Procuramos trabalhar com as categorias que surgiam em suas falas. O roteiro semiestruturado foi elaborado com perguntas abertas e tinha o objetivo de captar o conhecimento da criança. Quando nosso objetivo foi o de saber qual a percepção de diversidade religiosa das crianças, perguntamos: “Quais as religiões que você sabe que existem?” E, a partir das respostas delas, fomos apreendendo seu conhecimento a esse respeito. Do mesmo modo procedemos ao questioná-las acerca da sua filiação religiosa bem como a de seus pais. A esse respeito, perguntamos: “Você tem religião?” Em determinadas entrevistas, a pergunta sofria algumas variações em função de uma preocupação com a criação de uma atmosfera amena para que a criança se sentisse à vontade, possibilitando que pudéssemos obter o dado com mais precisão. Como realizamos as entrevistas ao final dos seis meses de observação, sabíamos bem como abordar “os pequenos” a partir dos laços criados entre nós e eles durante os meses anteriores. Em função do conhecimento propiciado pela observação prolongada, procuramos respeitar ao máximo suas particularidades e seu maior ou menor grau de interesse em falar a respeito de cada questão. Quanto ao tratamento dispensado ao termo evangélico na análise dos dados das entrevistas, este é utilizado em concordância com as respostas que obtivemos, uma vez que as crianças declararam-se evangélicas, notando-se que tiveram dificuldade de informar

o nome da igreja que frequentavam com a família, embora tivessem essa identidade religiosa como evangélica bem definida. Um dado relevante a ser destacado em relação a essa questão é que, depois que perguntamos às crianças quais religiões elas sabem que existem, sempre citamos algumas que não foram contempladas em suas falas para verificarmos se elas conhecem algo sobre elas. Nós tínhamos um quadro estabelecido de religiões a abordar ao conduzirmos as entrevistas. De acordo com as respostas que as crianças nos davam, adaptamos os instrumentos mantendo um quadro geral como horizonte a ser abordado. Sempre citávamos o candomblé, pois ele não apareceu espontaneamente na fala de nenhuma criança; o espiritismo, à medida que em entrevistas anteriores aferimos a presença de crianças com essa filiação, e o protestantismo, a fim de saber se alguma dentre elas advinha de uma filiação ligada ao protestantismo histórico. Obtivemos como resultado o desconhecimento completo do termo protestantismo entre as crianças entrevistadas. Na verdade, as religiões mais citadas entre as crianças foram o catolicismo e os “evangélicos”, havendo pouca variação nas respostas. “Evangélicos” aparece assim como “categoria nativa”, e é assim a que as religiões de tradição cristã não católica serão referidas na análise dos dados.

Em relação à turma do quinto ano, público-alvo da nossa pesquisa, trata-se de uma turma composta por vinte crianças; desse total, treze meninas e sete meninos com faixa etária em torno dos dez anos de idade. Dentre as vinte crianças observadas, entrevistamos quatorze, oito meninas e seis meninos. Na nossa amostra se configurou o seguinte quadro:

Filiação Religiosa	Meninos	Meninas
Católicos	2	4
Evangélicos	2 ⁷	1
Espíritas	1	
Sem Religião	2	3

⁷ Vale salientar que contabilizamos a filiação religiosa de S. na amostra, apesar de ele não ter sido entrevistado, por sabermos de sua opção através de comentário da professora e de obtermos confirmação através dele mesmo. “S” é batista e sua mãe, também batista, é professora da escola.

Quanto à filiação religiosa, é curioso que, por muito tempo, durante o período de observação, nós, da equipe de pesquisa, só sabíamos de uma criança que era evangélica, porque a professora comentou conosco utilizando-se dessa categoria explicitamente. Trata-se de S., um dos sete meninos da turma, o único menino que não nos concedeu entrevista. Durante a pesquisa, observamos que entre as crianças a questão religiosa não aparecia como motivo de conversas, mesmo entre aqueles que se consideravam amigos próximos, uma vez que a maioria demonstrava desconhecer a religião dos colegas. Em suma, a questão da religião nunca foi discutida entre elas como uma temática de relevância em sua sociabilidade, fato que se confirmou durante as entrevistas.

Todavia foi possível observar os meninos fazerem movimentos como se estivessem tocando tambores, cantarolando repetidamente “macumba lê lê” em momentos de jogos, reproduzindo o que poderia ser algum ritual referente ao Candomblé, Xangô ou à Umbanda. Um menino, em especial, fazia referência regular ao termo “macumba”, quando chegava sua vez de lançar os dados no jogo “banco imobiliário”, com a intenção de encenar um encantamento mágico para que saíssem os números da sorte.

Mas foi apenas através das entrevistas que pudemos conhecer de fato a composição religiosa da turma: seis crianças são católicas e duas, como elas mesmo se expressaram, “são simpatizantes” dessa religião. Ambas demonstram em suas falas deixar a decisão para o futuro, e por isto encontram-se contabilizadas como sem religião; três são evangélicas, incluindo o garoto do qual sabíamos a religião através do comentário da professora, pois ele não quis dar entrevista. Todas as crianças que se identificam como evangélicas têm pais evangélicos. É importante observar que essas crianças se identificaram como evangélicas, mas não sabiam dizer ao certo o nome de suas igrejas, exceto o menino S. (que não quis dar entrevistas), que soube dizer que sua igreja era “Batista”; Ainda dentro do quadro das crianças entrevistadas, uma identificou-se como espírita e uma é simpatizante dessa religião e afirma não ter decidido ainda qual religião vai seguir, sendo contabilizada no grupo dos sem religião. Desse modo temos no grupo dos sem religião cinco crianças, dentre as quais apenas uma demonstra que os pais também não são seguidores de nenhuma religião, enquanto quatro têm alguma orientação religiosa familiar, em que pelo menos um dos pais frequenta uma religião. Em todos os casos em que a criança tem algum dos pais ou ambos frequentando uma religião, o argumento para a declaração de não possuir religião se fundamenta na escolha pessoal, que é incentivada

pelos pais. Ou seja, elas recebem dentro de casa uma orientação voltada para a escolha pessoal da religião na maturidade e não há uma imposição das crenças dos pais. Podemos observar melhor essa tendência através das falas dessas crianças no momento da entrevista:

Entrevistador: Mas tu tem religião?

G: É que eu num fui batizado ainda não. É que meus pais deixou pra eu ser batizado quando tivesse maior pra eu escolher se eu queria ou não.

(Trecho da entrevista de G., menino, ambos os pais são católicos).

Entrevistador: Certo. Tu tem alguma religião Thiago?

T: (silêncio) Ainda não.

Entrevistador: Ainda não? Como assim ainda não?

T: É... não escolhi.

Entrevistador: Mas tu tem alguma que tu simpatiza?

T: Espírita.

Entrevistador: Certo. Mas por enquanto você acredita em Deus mas não teria religião. Aí como é que tu vê isso então de essa coisa... de acreditar mas não ter religião? Tu acha que não é preciso ter religião pra acreditar?

T: Não, não acho que é preciso ter religião pra acreditar. Todo mundo pode acreditar em Deus e não ter religião.

(Trecho da entrevista de T., menino, ambos os pais são espíritas).

Entrevistador: E você tem religião?

B: Tenho mas eu ainda... é... eu sou... eu acho que eu vou ser... eu acho que eu sou católica mas assim... eu ainda não sei. Eu ainda vou conhecer as outras religiões pra saber se eu sou católica, pra ver se eu não acho melhor outra.

Entrevistador: Mas você já tem algum contato com o catolicismo?

B: Hum hum (sim), eu acho que eu vou ser católica. Eu acho que... não, pra mim eu acredito na... nas coisas católicas, assim algumas coisas católicas, mas eu ainda não conheço as outras religiões.

(Trecho da entrevista de B., menina, mãe sem religião e pai católico).

Essas falas demonstram uma tendência à individualização da experiência religiosa e também que a religião passa a ser entendida como uma escolha pessoal, uma decisão que as crianças irão tomar quando estiverem mais maduras e quando conhecerem algumas religiões e entre elas decidirem qual seguir. Uma fala de T. a respeito da crença em Deus também demonstra uma

visão mais individualizada acerca dessa questão. Quando questionado sobre sua crença em Deus, T. responde que acredita que “Deus é continuação somente da nossa energia. Sem Deus não teria vida.” Diante dessa resposta questionamos o entendimento de T. acerca dessa postura de acreditar em Deus e não ter religião. A isso ele responde dizendo o seguinte: “Não, não acho que é preciso ter religião pra acreditar. Todo mundo pode acreditar em Deus e não ter religião.” O que T. demonstra com suas afirmativas é que há um movimento de mais desinstitucionalização das crenças em que a relação entre o fiel e Deus passa a não ter necessariamente uma mediação por parte da Igreja. Esse fenômeno que se encontra expresso entre as crianças tem seu correspondente no mundo adulto, onde vemos uma flexibilização do pertencimento e uma desregulação institucional da religiosidade, que caracterizam os fenômenos religiosos contemporâneos. A ênfase recai sobre as experiências individuais, como ressaltam Campos & Gusmão (2011:70), das quais surgem de modo recorrente as imagens da “busca” e da “procura” e por que não dizer do “chamado”, sendo que “os relatos definem essa procura como uma experiência espiritual, oposta às formas institucionalizadas de religião.” Outro ponto a se destacar é que as crianças também acionam a ideia de escolha como fica claro na fala de B: “eu acho que eu vou ser... eu acho que eu sou católica mas assim... eu ainda não sei. Eu ainda vou conhecer as outras religiões pra saber se eu sou católica, pra ver se eu não acho melhor outra”.

Em relação ao tema no ambiente escolar, religião não se configura como componente da sociabilidade; o comportamento das crianças indica certa atitude *blasé* quanto às configurações religiosas em seu entorno. Mas o caso das crianças evangélicas é interessante de ser comentado. Apesar de duas delas apresentarem sinais de sua identidade religiosa, como o nome bíblico muito comum entre as pessoas das religiões identificadas como pertencentes à tradição protestante (e mais caracteristicamente pentecostais e neopentecostais), uma delas ter posse de objetos com a formiguinha Smilinguido⁸ e se recusar a participar das danças de cultura popular na escola,

⁸ Trata-se de personagem evangélica que configura em histórias de quadrinhos de uma editora também evangélica. Há uma disputa em relação à origem da figura do Smilinguido enquanto personagem protestante, evangélico ou adventista mais especificamente. Apesar de haver disputa em torno da origem desse personagem, ele é correntemente consumido por grupos identificados com a identidade evangélica, de diversas denominações passando pelo protestantismo histórico até pentecostais, estando sempre acompanhado de mensagens bíblicas e referências gospel. Uma busca no Google terá dificuldades de identificar a identidade denominacional da referida personagem, sendo ela, contudo, massivamente referida como “evangélica”.

bem como normalmente se referir a essas como “dança de macumba”, os seus colegas de turma desconheciam sua religião. Acreditamos ser oportuno ressaltar que as crianças pouco sabiam acerca das crenças umas das outras, isso ocorreu mesmo entre aquelas com quem demonstravam um convívio mais estreito que ia além do espaço escolar. Se a invisibilidade das religiões de matriz africana se dá por uma via culturalista, em que são vistas como manifestação da cultura popular ou como componente histórico do passado, ou até mesmo silenciadas, posto que ausentes como referência identitária entre as crianças pesquisadas, a invisibilidade das religiões pentecostais está relacionada com uma postura individualista do discurso e da prática relacionada às questões referentes à religião. Mais importante, talvez, seja o fato de, em sendo minoria em um contexto em que o catolicismo é naturalizado como referência cultural e identitária, as crianças silenciem suas identidades “evangélicas”. Como as religiões pentecostais buscam sua legitimidade como culto legítimo e suas ações e identidade são bastante demarcadas, estando em oposição a uma atitude sincrética, elas são relegadas ao silêncio e invisibilidade em um espaço que se pretende laico numa outra lógica. Os nossos pequenos entrevistados parecem viver sua religiosidade em concordância com certo discurso secular e da laicidade em que se identifica a experiência religiosa como uma dimensão particular da vida dos sujeitos, estando a religião reservada ao âmbito familiar. Ou seja, é na sua vida privada que o sujeito deve vivenciar e expressar sua religiosidade, pois é a essa esfera que a religião deve pertencer.

Analisando nossa entrevista com a professora da turma, podemos ver com mais clareza algumas das questões trabalhadas. Em primeiro lugar, abordamos as questões relacionadas aos conteúdos ligados aos elementos afrodescendentes que fazem parte da política educacional da escola como um estímulo à valorização da diversidade cultural do nosso país, mas que continuam a ser abordados em um discurso culturalista de “preservação” do patrimônio histórico e cultural da nação. Mesmo essa abordagem controlada do assunto já gerou algumas polêmicas, inclusive alguns pais “evangélicos”, como referido pela professora, já se mostraram contrários a essas atividades, chegando até mesmo a retirar seus filhos da escola. Apesar de admitir a ocorrência de fatos dessa natureza, a professora ressalta que são casos pontuais e que nunca em sua turma ela teve esse tipo de problema, embora tenham ocorrido na escola em outras turmas.

Quanto ao trabalho desenvolvido no Projeto, ela afirma que a ênfase sempre foi desenvolver nas crianças uma percepção da diversidade, mas

reconhece a limitação delas no que se refere à questão religiosa. A professora pontua também que o tema religião nunca foi o foco principal, mas que não poderia deixar de ser tratado. Sua fala está muito alinhada com um discurso culturalista e sempre procura demonstrar certa preocupação em manter a religião como um assunto do âmbito familiar. Tal preocupação em enfatizar o caráter privado do tema reproduz uma visão secular da religião, vista como um tema próprio da subjetividade, uma dimensão íntima que se afina com *ethos* da classe média. Mesmo assim é clara a abordagem do tema no projeto desenvolvido com a turma do quinto ano, e de fato ela não nega esse peso. Como a temática não poderia deixar de ser discutida, em sua opinião, ela sempre procurou abordá-la em uma perspectiva histórico-cultural. O reconhecimento de que a questão religiosa tem que ser abordada no caso da proposta da escola revela que, mesmo sendo discursivamente enquadrada como uma questão privada, a religião permeia a esfera pública e não pode ser desconsiderada como tal. Além disso, quanto à percepção das crianças em relação a essa diversidade religiosa, ela reconhece que há ainda uma polarização em torno do cristianismo: elas citam principalmente o catolicismo e em seguida “os evangélicos”. Quanto às religiões não cristãs, ainda persiste uma visão de que são crenças, lendas, mas não uma religião.

Quando questionada a respeito de como trabalhar a questão da religião dentro da escola, a professora destaca: “[...] deve-se passar, como a escola passa, questões de moral, de ética, né, dos cuidados que a gente tem que ter com o ser humano”⁹. Ao observar essa afirmativa, devemos pensar que em um país onde a religião católica esteve por muito tempo num lugar de destaque, inclusive intimamente ligada à esfera da educação moral e ética, tais âmbitos estão imbuídos das doutrinas cristãs e, portanto, ligados à dimensão religiosa, ainda que tal ligação esteja obscurecida.

Observando o desenvolvimento da disciplina Projeto, registramos alguns fatos interessantes vinculados à fala da professora. Em primeiro lugar, foi durante essas aulas que o conteúdo relacionado com a temática afro-brasileira apareceu. Também durante as aulas de Projeto as crianças falaram um pouco de religião e de sua percepção a respeito da diversidade. Tal disciplina foi conduzida pela professora a partir de um resgate histórico que remetia ao período da colonização e se desdobrava até a atualidade. O que chamou muita atenção é que, quando a professora tentava fazer com que as crianças

⁹ Fragmento da entrevista com M., professora do quinto ano.

falassem dos negros num contexto atual e não o da escravidão, elas sempre remetiam ao passado. Em suas falas, os negros apareciam como coisa do passado, era como se com a abolição os negros tivessem se retirado de cena, o que nos indica que as crianças fazem relação estreita entre escravidão e negritude. Além disso, quando o assunto abordado é a religião de forma direta, as crianças não conseguem ver as religiões afro-brasileiras como religiões de fato e não reconhecem o politeísmo como um culto legítimo.

Isso ocorre, mas não significa que as crianças não tenham uma ideia de religião definida, o que acontece é que a definição de religião corrente entre elas tem um modelo monoteísta imbuído de conteúdo cristão, em que religiões não cristãs não se encaixam como formas de culto legítimo, gerando certa confusão e estranhamento. Suas falas estão fundamentadas a partir de um modelo limitado, dado pelo próprio universo simbólico religioso em que se situam: cristianismo de matriz católica, de modo que a percepção das religiões afro-brasileiras se dá de uma maneira muito superficial e folclórica.

Mas essa limitação não se restringe às religiões afro-brasileiras. Certa vez uma criança (menina) que se declarou católica na entrevista mostrou um adesivo da formiguinha Smilinguido¹⁰ a uma das integrantes da pesquisa que lhe perguntou: “Você sabia que é uma formiga protestante?” A criança retrucou: “É não! Olha, tem escrito Jesus te Ama!” Ainda que a entrevistadora possa ter equivocadamente atribuído a identidade protestante à formiguinha Smilinguido, considerada a polêmica sobre sua origem ser adventista, o que importa destacar dessa situação é que o desconhecimento acerca do “protestantismo” é novamente confirmado no momento das entrevistas, uma vez que nenhuma das crianças sabe do que se trata e ainda parece dissociá-lo do Amor de Jesus. Nota-se ainda que em detrimento de todo empenho para ações afirmativas da escola, as falas das crianças em geral são, até certo ponto, preconceituosas e contêm elementos de um discurso depreciativo especialmente em relação às religiões de matriz africana. Seguem algumas de suas falas a respeito das religiões afro-brasileiras:

¹⁰ O que tentamos salientar nesse caso é o conhecimento por parte da criança acerca do fato que essa figura circula enquanto marca de identidade cristã não católica.

- Eles acreditam em vários deuses.
- Macumba é coisa do diabo!
- Macumba tem coisa boa e coisa ruim.
- Deve haver um nome científico.
- Eu não acredito em macumba.
- Macumba é religião? (pergunta da professora) Algumas crianças respondem dizendo que não.

Outra questão interessante é que numa aula sobre a escravidão, que ocorreu logo depois de uma visita ao Museu da Abolição, uma das crianças questiona a professora acerca da veracidade daqueles fatos. A criança pergunta à professora: “Como dá pra saber como tudo aconteceu? Os cientistas têm provas?” A professora fica um pouco surpresa com a pergunta, mas afirma que sim, que existem muitas provas, apesar de não haver tantos recursos naquela época como filmadoras para registrar os fatos. Tudo aquilo que eles viram no Museu era uma prova do que aconteceu e também o relato de muitas pessoas da época foi preservado por escrito comprovando que a escravidão aconteceu daquela forma.

Além da visita ao Museu da Abolição, as crianças também fizeram uma viagem a uma comunidade quilombola, que fica situada na zona rural da cidade de Garanhuns– comunidade de Castanhinho – e uma visita a um terreiro de candomblé, que fica em Olinda. Não acompanhamos as crianças na visita à comunidade quilombola situada em Garanhuns por limitações nos recursos da pesquisa, mas pudemos acompanhar a ansiedade delas dias antes do passeio.

De fato, a ansiedade e a empolgação das crianças se deviam muito mais ao passeio em si e à possibilidade de dormir fora de casa do que a visita à comunidade quilombola. Mas as impressões que elas tiveram da comunidade também foram importantes. Primeiro porque ficaram admiradas com o fato de que a vida da comunidade quilombola não correspondia às suas expectativas, ou seja, não se vivia lá como no tempo da colonização. Como muitas crianças falavam admiradas, elas eram pessoas comuns, pobres comuns. Isso revela que a percepção racial das crianças também está atrelada a um componente de classe quando se trata da sociedade atual, por isso existe uma dificuldade em falar de negros no presente, porque a cor se mostra embutida muitas vezes na condição socioeconômica. Ou ainda, talvez, porque os quilombolas de Castanhinho não diferiam em seu fenótipo e modo de vestir do negro pobre urbano. Ao mesmo tempo, supomos que, como a introdução ao universo cultural da população afrodescendente se dá através da disciplina

História, aconteça uma associação livre entre população afrodescendente e passado. É preciso considerar ainda que é difícil para essas crianças falarem da religião afro-brasileira, por não ser algo que faz parte do cotidiano do qual participam, sendo classificadas de uma maneira exótica na fala das crianças. Essa caracterização que é dirigida às religiões afro-brasileiras tem uma forte relação com certa mística do velho discurso católico em torno de tudo aquilo que classificaram durante séculos como feitiçaria, magia negra e satanismo. Apesar da afinidade com esses conceitos, as crianças também demonstram uma grande habilidade em identificar o caráter negativo dessas afirmações, que hoje em dia são combatidas (ao menos no discurso público) e vistas como atitudes discriminatórias. Tal atitude delas é uma expressão do tratamento dispensado as essas questões, estando de acordo com a postura do “politicamente correto”, que orienta o discurso, mas que paradoxalmente acaba por repor certas desigualdades. Isso fica claro a partir de um esforço por parte das crianças em dar respostas “certas” durante a entrevista¹¹. Respostas que, em sua concepção, estejam adequadas ao que deve ser dito numa entrevista e que demonstrem o domínio do conteúdo aprendido durante os seis meses de aulas sobre história e cultura afro-brasileira, como nos trechos abaixo destacados¹²:

- Não, não. Eu sabia o que era as comidas né, mais ou menos as comidas. A feijoada né, de porco né, que quando o povo da senzala pedia, que quando os de engenho comia, dava o resto né para o povo da senzala, é isso né. [...] As comidas mais que eu sei, eu tenho a receita. Não tô lembrado de não, de cabeça não. Eu tenho receita no meu caderno.
(Trecho da entrevista de F.).
- Eu achei que eu aprendi muitas coisas. Eu já tinha estudado sobre escravo/escravos, mas não tão profundo assim. Não sabia que existia comunidades quilombolas, não sabia que o nome... não sabia que existia Orixá.
(Trecho da entrevista de B.).

¹¹ Essa preocupação em dar a resposta certa também pode estar relacionada com o fato de estarmos acompanhando todas as aulas de História e de Projeto durante o semestre. Nossa presença nas aulas de certa forma levou as crianças a encarar a entrevista como uma espécie de avaliação em certos momentos, pelo menos no bloco de perguntas relacionado diretamente com as atividades do projeto e os conteúdos de História.

¹² Análise baseada num universo de 14 entrevistas realizadas com as crianças. Contamos com prévia autorização por escrito por parte de pais ou responsáveis.

- Porque é... hoje em dia exatamente não existe esse negócios de religião afro. As pessoas geralmente acham que as pessoas negras, os... as pessoas que vivem em comunidades quilombolas. Os quilombolas ele geralmente não são exatamente das religiões quilombolas. Eles são católicos ou evangélicos. (Trecho da entrevista de A. L.).

Em outro momento, pudemos acompanhar a visita das crianças ao terreiro de candomblé que fica situado na cidade de Olinda. Por meio dessa visita foi possível perceber como as crianças lidam com esse contato mais direto com o “outro”. No momento em que as crianças chegaram ao terreiro, havia um espaço organizado com cadeiras para que todos se acomodassem para uma pequena palestra com o intuito de esclarecer os pequenos visitantes acerca do que é o candomblé e a história daquele terreiro que também é uma comunidade quilombola urbana. Após a fala do representante do terreiro, as crianças puderam fazer algumas perguntas que tiveram como temática principal a religião, e a isso se seguiu a visita. O terreiro visitado possui um pequeno museu que conta sua história através de fotos e objetos importantes daquele espaço. O representante do terreiro vai apresentando cada espaço e explicando o significado daqueles objetos.

Durante toda a visita, pudemos observar a curiosidade, o espanto (principalmente com um enorme crânio de boi exposto no museu) e o interesse das crianças. Elas olhavam admiradas e faziam perguntas a todo o momento. Apesar de toda essa curiosidade e de terem perguntado muito sobre o candomblé e tudo o que lhes chamava atenção, as crianças pouco falaram sobre essa visita ao serem questionadas por nós no momento de entrevista. Além disso, quando perguntamos acerca do seu conhecimento sobre religião, apesar de terem passado um semestre estudando a “cultura negra”, inclusive as religiões afro-brasileiras com ênfase especial no candomblé, não o citaram em suas respostas. A análise das entrevistas realizadas mostra que em todas as respostas as crianças citam o catolicismo como uma religião que eles “sabem que existe”. Quando perguntamos às crianças de forma muito direta quais as religiões que elas sabem que existem, pudemos perceber que a sua categorização acerca de quem faz parte do universo religião é muito limitada e está circunscrita ao cristianismo, seja o catolicismo ou o que denominamos evangélicos. Também o espiritismo é lembrado por algumas, mesmo por aquelas que não têm pais espíritas; e o budismo é usado como elemento de diferenciação, como uma religião estrangeira. Também consideramos relevante comentar que apenas uma criança vai além dessa caracterização

elencada (católicos, evangélicos, espíritas etc.), incluindo também os judeus e os muçulmanos em sua resposta. Cabe também dizer que F. é católico e faz aula de catecismo. Segue o trecho em que ele explica o que sabe sobre os muçulmanos e os judeus:

- Os muçulmanos, assim... Pode qualquer pessoa. Comete crime, né? Por exemplo, pessoa que faz guerra, aí pode ir para a missa... é muçulmano. Judeu é aquele que, não sei dizer não o judeu não, mas eu acho que é aquele que acreditou em Judas, né? Que não acreditou em Deus, que acredita em Judas, né?

Apesar de apresentar uma diversidade maior na resposta, a fala de F. expressa o quanto a cultura religiosa do grupo estudado é limitada. Em relação aos muçulmanos, podemos identificar que se trata do produto de um discurso veiculado na mídia em que aparecem nos noticiários sempre como terroristas. Já em relação aos judeus na entrevista, não é possível identificar qual a origem dessa ideia. Ele parece fazer uma simples associação entre o nome de Judas e o nome da religião, o que é bem comum na população mais geral, mas seria preciso uma investigação mais detalhada para afirmar algo com mais precisão.

A partir das respostas dadas, foi possível perceber que, mesmo quando elas incluem uma religião não cristã em suas respostas, o candomblé está ausente, apesar de terem tido contato com amplo conteúdo que enfatizava as características dessa religião e visitado um terreiro onde ouviram uma palestra a respeito. Como já comentamos anteriormente, elas citam o budismo, religião pouco comum no universo social e cultural em que se encontram inseridas, mas o candomblé, que foi estudado pela turma, permanece não sendo elencado em suas respostas. A citação do budismo no rol das religiões que elas sabem que existem em contraste com a ausência do candomblé é significativo. Budismo não é algo comum na cidade do Recife, as religiões de matriz afro-indígena ou as chamadas religiões afro-brasileiras sim. Haveria, talvez, embutida nessas respostas certa recusa em aceitar e entender a religião de matriz africana como religião. Entendemos que para as crianças a ideia de religião remetia senão ao catolicismo, pelo menos ao cristianismo. Elas desconheciam profundamente as religiões afro-brasileiras. Algumas crianças afirmaram, inclusive, que os africanos não possuíam religião, por isso aderiram à religião europeia, o cristianismo; enquanto outras a caracterizaram como “macumba”, que seria “coisa do diabo”; outras ainda a veem apenas como crença, e até mesmo como uma dança.

Embora a visão das crianças acerca de religião se mostre muito influenciada por uma cultura cristã em geral, tal afirmação não significa que elas tenham uma vivência religiosa precisa, uma vez que apenas as crianças evangélicas e algumas católicas, que participaram da catequese, demonstram frequentar com assiduidade uma igreja. Todas elas têm uma ideia básica a respeito de religião e ressaltam que existem formas diferentes de acreditar em Deus e que cada religião tem sua forma de pensar. Mas mesmo aquelas crianças que se declaram “sem religião” definida têm estabelecido um conceito cristão acerca do tema, o que se confirma através da omissão das religiões afro-brasileiras em suas respostas. O ato de incluir o budismo pode ser explicado porque seria uma espécie de religião exótica, e sua citação seria um artifício de sofisticação da resposta. Mesmo aquelas crianças que afirmam não ter religião citam o catolicismo e os evangélicos quando lhes perguntamos quais religiões sabem que existem. Embora reconheçam que existem formas diferentes de acreditar em Deus e de terem durante seis meses experiências com um conteúdo histórico/cultural que remete à herança afrodescendente, incluindo a sua religiosidade, as crianças continuam a ter uma visão muito limitada em relação à religião, pelo menos no que refere à diversidade. Apesar disso, o que se destaca é que elas se revelam conscientes de que existem diferenças entre as religiões (mesmo quando não sabem explicar quais seriam essas diferenças) e demonstram certo respeito ao direito de escolha de cada um acerca da religiosidade, como demonstram os exemplos seguintes:

- Assim cada religião pensa como é... e vê ou acredita diferente, por exemplo: acha que foi assim que Deus existe, essas coisas aí aquela religião é diferente. Cada religião pensa assim uma diferente da outra. Mas eu não sei dizer essa religião faz isso e isso e isso... Eu não sei dizer não.
(Trecho da entrevista de L. A.).
- (Religião) Seria... uma forma, forma diferente de se comunicar com Deus ou acreditar em Deus.
(Trecho da entrevista de T.).
- (Religião) Cada uma tem seu Deus sua maneira.
(Trecho da entrevista de L. L.).

Também identificamos que a representação mais geral acerca do divino em si é formada por meio de símbolos cristãos que aparecem durante as falas das crianças. Quando perguntamos às crianças como é Deus para elas,

oito o identificaram diretamente com a figura de Cristo e citaram traços da aparência que lhes são familiares. A maioria das crianças que fizeram essa relação é católica, mas também a fizeram os “sem religião” e os espíritas. Isso revela como certos aspectos da doutrina cristã católica são compartilhados de maneira mais fluida e incorporados na composição de diferentes visões religiosas. Esses aspectos também são internalizados e manipulados pelas crianças não apenas para expressar suas opiniões sobre o assunto, mas também para compor uma resposta que julgassem ser a mais correta a ser dada numa entrevista. Por isso, mesmo aquelas que se declaram “sem religião” ou espíritas dispõem de um conhecimento mínimo a respeito do que seria a representação visual de Deus e operam essa justaposição, que é uma máxima cristã se apoiando nos recursos católicos, nesse caso a imagem católica de Jesus Cristo¹³. Quanto às crianças evangélicas, quando questionadas a respeito, ressaltaram as virtudes de Deus (compaixão, perdão, amor) sem citar traços da aparência e chegaram até a afirmar que nunca pensaram a respeito da aparência física dele. Tal atitude pode ser interpretada a partir da oposição dos evangélicos às imagens católicas.

Como as crianças não citaram as religiões afro-brasileiras, fizemos perguntas a respeito para poder avaliar o conhecimento que elas obtiveram através dos seis meses de desenvolvimento do projeto. Como foi comentado, as religiões afro-brasileiras são interpretadas pelas crianças de uma maneira muito folclórica e também são remetidas ao passado, como se só tivessem existido de fato na época da escravidão, sendo praticadas pelos escravos, ou mesmo existindo hoje apenas lá na África. Devemos levar em consideração que a “ignorância” também pode ser lida como um ato de (in)tolerância, uma vez que retira do “outro” o *status* de existência. Aquilo que não existe não precisa ser respeitado, aquilo que se mantém afastado historicamente (“religião do tempo da escravidão”) ou geograficamente (“é a religião dos africanos”) também não deve ser considerado. Seguem algumas das falas das crianças acerca do candomblé no momento de entrevista:

¹³ Isso também revela como certos conteúdos religiosos permeiam de forma muito sutil o universo de significados compartilhados em nossa sociedade e de uma forma ou de outra são absorvidos e reproduzidos socialmente. Para uma discussão acerca de como os neopentecostais fazem uso de diferentes elementos do catolicismo e do universo afro-brasileiro em benefício próprio, ver Silva, 2007.

- [...] são as religiões que os negros faziam quando eram escravos. Que eles acreditavam em Orixás, essas coisas. Os evangélicos não gostam disso. Porque eles acreditam em Deus e não acreditam, não gostam dos negócios... Porque eu não sei exatamente. (Trecho da entrevista de A. L.).
- É, ela acredita em deuses negros, fazem rituais só que quando a gente foi lá pra C. era candomblé só que eles não faziam ritual, X. Fazia uma vez por semana e cada mês tinha um Deus. O... o Deus era negro, tinha os deuses e cada um representava uma cor e um tipo de natureza do mar, de água, de raio era assim. (Trecho da entrevista de L.L.).
- Sei, é a religião dos negros africanos e dos escravos também. Que é nos... a religião que eles acreditavam. (Trecho da entrevista de B.).
- É a religião dos negros, os africanos. (Trecho da entrevista de J.L.).
- Eu lembro que os africanos praticavam candomblé e só alguns não todos. Só alguns. (Trecho da entrevista de J.M.).
- O candomblé eles não adoram a Deus, a santos também não. Eles assim... Na verdade não é nada assim sobre Deus. São mais sobre os africanos, tem a mãe de santo, a água, o arco-íris esses negócios. Não tem bíblia. (Trecho da entrevista de V.).

Os trechos citados são uma amostra do universo de respostas dadas pelas crianças e refletem bem o movimento de separação operado por elas entre o mundo ao seu redor e os conteúdos afro-brasileiros. O esvaziamento e o afastamento que elas demonstram revelam que, apesar de todo o trabalho de discussão que a escola propôs, os elementos da cultura e religiosidade negra ainda permanecem folclóricos e distantes. Esses trechos também demonstram, como foi dito, que as crianças sempre remetem suas falas a respeito dos negros e das religiões afro ao passado, ao que “os escravos acreditavam”. A percepção delas acerca da cultura afro-brasileira só parece ter lugar num passado escravista já superado. Nossos dados demonstram que essa conduta pode estar contribuindo com o obscurecimento da visão das crianças em relação à presença da cultura afro-brasileira em nossa sociedade atual e as suas substanciais contribuições para a identidade brasileira. A entrevista com a professora trabalhada também reafirma essa limitação na

abordagem do tema e a resistência tácita que permanece em relação aos elementos afro-brasileiros da nossa cultura.

O que há de generalizável nesses conteúdos é o fato de a religião permanecer como uma dimensão que exerce forte influência sobre os indivíduos praticantes ou não de algum credo religioso, e dentre estes as crianças. O que queremos dizer é que os conteúdos cristãos são compartilhados sem que precisem do aporte institucional de uma religião, seja ela católica ou evangélica. Eles estão presentes no modo de pensar das pessoas e as tornam suscetíveis aos discursos religiosos em geral, desde que tenham qualquer vínculo com esses conteúdos cristãos socialmente compartilhados.

Considerações Finais

O que vemos entre as crianças estudadas é um movimento de individualização da experiência religiosa, que se abre para uma relação mais particular com o indivíduo. Esse modo de se relacionar com a religião nos revela um movimento de adequação à realidade contemporânea, tal como é discutido por Pierucci (2006) e Camurça (2006). Falamos de uma relação centrada na escolha individual, mas, ainda assim, o leque de opções continua restrito. É verdade que as crianças se mostram desvinculadas de uma influência muito engajada em relação à religião e demonstram um respeito à diferença, a partir do momento em que reconhecem o direito que cada um tem de acreditar em Deus do seu jeito e que cada religião tem a sua forma de pensar. Mas percebam que se trata de um Deus muito particular, um Deus com uma identidade religiosa cristã. Mesmo com a possibilidade de ter contato com o conteúdo de religiões não cristãs, essa relação se dá sobre um solo cristão. As crianças continuam a se relacionar com o religioso a partir de suas concepções cristãs, e mais especificamente através de uma cultura católica. Na verdade, o catolicismo permanece de maneira tácita, quase imperceptível na aparência, mas está lá, e ao menor estímulo se revela. Afirmar que o catolicismo tem uma penetração tão arraigada e plástica na sociedade brasileira de modo que permanece se reinventando no imaginário social não significa simplesmente negar as mudanças que vêm se delineando. Na verdade, trata-se de mudanças em diferentes níveis que estão estabelecendo novos arranjos dentro do campo religioso e na sua relação com o espaço público, mudanças que têm trazido à tona uma diversidade de crenças e experiências religiosas crescentes e que

têm contrastado fortemente com as estratégias sincréticas do catolicismo. Também não podemos ignorar que na percepção das crianças a religião é cada vez mais uma questão de escolha, inclusive, que deve ser feita na vida adulta.

O que vemos através do universo das crianças da escola particular é que as camadas médias da sociedade cada vez mais desenvolvem uma postura individualista em relação a todas as dimensões da sua conduta, inclusive em relação à religião. Isso, no entanto, não apaga sua referência cristã, muitas vezes assentada na tradição católica, e a partir dessa herança se projetam suas escolhas e sua relação com outras religiões. Também é esse conceito cristão de inspiração católica que contribui para a invisibilidade de experiências não católicas, que, no caso das religiões afro-brasileiras, agravam-se, pois se afastam do modelo mais englobante do cristianismo e permanecem silenciadas, enquadradas no discurso culturalista como “patrimônio” histórico e cultural. Ao tecer todo um discurso de valorização e respeito às contribuições da cultura negra para a formação da identidade brasileira através de uma visão culturalista, é criada uma série de artifícios que folcloriza essas experiências e continua a negar-lhes o reconhecimento e o espaço apropriados como manifestações legítimas de religiosidade (ver GONÇALVES & SILVA, 2006). Parece que aqui estamos diante de um modo “politicamente correto” e “moderno” de reposição das desigualdades que, através de uma via culturalista, essencializa as experiências religiosas dos cultos afro-brasileiros. Há ainda que se considerar que as religiões de matriz africana conseguem certa visibilidade e mais ainda legitimidade na medida em que também são cultura. Por outro lado, invisível também se apresentaram as identidades religiosas das crianças de orientação protestante, não porque não existam crianças com tal credo, como é o caso das religiões afro-brasileiras, mas porque as identidades dessas não são declaradas ou reconhecidas num espaço marcado culturalmente pelo catolicismo. A elas cabe o silêncio tácito, já que não são cultura.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de
(2007) “Dez anos do ‘Chute na Santa’: a intolerância com a diferença”. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Intolerância religiosa*. São Paulo: EDUSP, p. 171-190.
- BURITY, Joanildo
(1997) *Identidade política no campo religioso*. Recife: Ipespe - Editora Universitária UFPE.
- CAMPOS, Roberta B. C. *et al.*
(2009) “Pesquisando o invisível: percursos metodológicos de uma pesquisa sobre sociabilidade infantil e diversidade religiosa”. *Teoria e Sociedade*, nº. 17.1, p.148-175.
- CAMPOS, Roberta B. C. & FALCÃO, Cristiane R.
(2012) “Entre o olhar e a voz: reflexões sobre a representação da criança na Antropologia das Religiões Afro-Brasileiras”. In: BRANDÃO DE AGUIAR, Sylvana M.; MARQUES, Luiz Carlos & CABRAL, Newton Darwin de Andrade (Org.). *História das religiões no Brasil*. Recife: Bagaço - Editora Universitária, vol.5, p. 365-392.
- CAMPOS, Roberta B. C. & GUSMÃO, Eduardo Henrique Araújo de
(2011) “Religião em movimento: relações entre religião e modernidade”. *Campos* (UFPR), v. 11, p. 65-83.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres
(2006) “A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000”. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Editora Vozes, p. 35-48.
- GIUMBELLI, Emerson
(2008) “Ensino religioso em escolas públicas no Brasil: notas de pesquisa”. *Revista Debates do NERP, Religião e Políticas Públicas*, nº. 14, UFRGS, p. 69-88.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves
(2001) *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- PIERUCCI, Antônio Flávio
(2006) “Ciências Sociais e religião: a religião como ruptura”. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (Org.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, p. 17-34.
- PIRES, Flávia Ferreira
(2007) *Quem tem medo de mal-assombro? Religião e infância no semiárido nordestino*. Tese de doutorado. PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.
- SANCHIS, Pierre
(1997) “O Campo religioso contemporâneo no Brasil”. In: ORO, Ari Pedro & STEIL, Alberto (Orgs.). *Globalização e Religião*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 103-115.
- SILVA, Vagner Gonçalves da
(2007) *Intolerância religiosa, impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP.
- SINGLY, François de
(2007) *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- TAYLOR, Charles
(2007) *A secular age*. Cambridge, Massachusetts, London: The Belknap Press of Harvard University Press.
- TOREN, Cristina
(2003) “Becoming a Christian in Fiji: an ethnographic study of ontogeny”. *Journal of the Royal Anthropological Institute* 10, p.709-727.

Recebido em
maio de 2011

Aprovado em
maio de 2012